



A Santa Sé

**DISCURSO DO PAPA FRANCISCO
AOS PARTICIPANTES NA ASSEMBLEIA PLENÁRIA
DA PONTIFÍCIA ACADEMIA PARA A VIDA**

*Sala Clementina
Quinta-feira, 3 de Março de 2016*

[Multimídia]

Estimados irmãos e irmãs!

Apresento as minhas boas-vindas a todos vós, que viestes para a Assembleia geral da Pontifícia Academia para a Vida. Apraz-me de modo particular encontrar-me com o Cardeal Sgreccia, sempre em pé, obrigado! Estes dias serão dedicados ao estudo das virtudes na ética da vida, um tema de interesse académico, que transmite uma mensagem importante à cultura contemporânea: o bem que o homem realiza não é o resultado de cálculos ou estratégias, nem sequer é o produto de uma ordem genética ou dos condicionamentos sociais, mas é fruto de um coração bem disposto, da livre escolha que tende para o bem verdadeiro. Não são suficientes a ciência e a técnica: para praticar o bem é necessária a sabedoria do coração.

A Sagrada Escritura diz-nos de diversas maneiras que as intenções boas ou más não entram no homem de fora, mas brotam do seu «coração». «Do interior — afirma Jesus — isto é, do coração dos homens saem os maus pensamentos» (Mt 7, 21). Na Bíblia o coração é o órgão não só dos afetos, mas também das faculdades espirituais, da razão e da vontade, é sede das decisões, do modo de pensar e de agir. A sabedoria das opções, aberta ao movimento do Espírito Santo, envolve também o coração. Daqui surgem as obras boas, mas também as erradas, quando a verdade e as sugestões do Espírito são rejeitadas. Resumindo, o coração é a síntese da humanidade plasmada pelas próprias mãos de Deus (cf. Gn 2, 7) e preservada pelo seu Criador com um aprazimento único (cf. Gn 1, 31). No coração do homem Deus derrama a sua própria sabedoria.

No nosso tempo, algumas orientações culturais já não reconhecem a marca da sabedoria divina

nas realidades criadas nem sequer no homem. Desta forma, a natureza humana permanece reduzida unicamente à matéria, que se pode plasmar segundo qualquer desígnio. Mas a nossa humanidade é única e muito preciosa aos olhos de Deus! Por isso, a primeira natureza que se deve preservar, para que dê fruto, é a nossa própria humanidade: devemos dar-lhe o ar puro da liberdade e a água vivificante da verdade, protegê-la dos venenos do egoísmo e da mentira. Assim poderá desabrochar, no terreno da nossa humanidade, uma grande variedade de virtudes.

A virtude é a expressão mais autêntica do bem que o homem, com a ajuda de Deus, é capaz de realizar. A virtude «permite à pessoa não somente praticar atos bons, mas dar o melhor de si mesma» (*Catecismo da Igreja Católica*, 1803). A virtude não é um simples hábito constantemente renovado de escolher o bem. A virtude não é emoção, não é uma habilidade que se adquire com um curso de atualização, e muito menos um mecanismo bioquímico, mas é a expressão mais elevada da liberdade humana. A virtude é o melhor que o coração do homem oferece. Quando o coração se afasta do bem e da verdade contida na Palavra de Deus, corre muitos perigos, permanece privado de orientação e arrisca chamar bem ao mal e mal ao bem; as virtudes perdem-se, muito facilmente se apresenta o pecado, e depois o vício. Quem envereda por esta descida escorregadia cai no erro moral e é oprimido por uma crescente angústia existencial.

A Sagrada Escritura apresenta-nos a dinâmica do coração empedernido: quanto mais o coração é incline ao egoísmo e ao mal, tanto mais é difícil mudar. Diz Jesus: «todo aquele que comete pecado é servo do pecado» (*Jo* 8, 34). Quando o coração se corrompe, são graves as consequências para a vida social, como recorda o profeta Jeremias. Cito: «os teus olhos e o teu coração não atentam senão para a tua avareza, e para o sangue inocente, a fim de derramá-lo, e para a opressão, e para a violência» (22, 17). Tal condição não pode mudar em virtude de teorias, nem por efeito de reformas sociais ou políticas. Só a ação do Espírito Santo pode reformar o nosso coração, se nós colaborarmos: com efeito, o próprio Deus garantiu a sua graça eficaz a quem o procura e a quem se converte: «de todo o coração» (cf. *Gl* 2, 12 ss.).

Hoje são muitas as instituições comprometidas no serviço à vida, a nível de pesquisa ou de assistência; elas promovem não só ações boas, mas inclusive a paixão pelo bem. Mas há também tantas estruturas mais preocupadas com o interesse económico do que com o bem comum. Falar de virtude significa afirmar que a opção pelo bem abrange e compromete a pessoa toda; não é uma questão de «cosmética», um embelezamento exterior, que não daria fruto: trata-se de desenraizar do coração os desejos desonestos e de procurar o bem com sinceridade.

Também no âmbito da ética da vida as normas, mesmo sendo necessárias, que sancionam o respeito das pessoas, sozinhas não são suficientes para realizar plenamente o bem do homem. São as virtudes de quem trabalha pela promoção da vida a última garantia de que o bem será realmente respeitado. Hoje não faltam os conhecimentos científicos e os instrumentos técnicos capazes de oferecer apoio à vida humana nas situações em que se apresenta frágil. Contudo muitas vezes falta a humanidade. O bom agir não é a correta aplicação do saber ético, mas

pressupõe um interesse real pela pessoa frágil. Os médicos e todos os agentes da saúde nunca descuidem de conciliar ciência, técnica e humanidade.

Por conseguinte, encorajo as universidades a considerar tudo isto nos seus programas de formação, a fim de que os estudantes possam maturar aquelas disposições do coração e da mente que são indispensáveis para acolher e cuidar da vida humana, segundo a dignidade que em qualquer circunstância lhe pertence. Convido também os diretores das estruturas de saúde e de pesquisa a fazer com que os funcionários considerem parte integrante do seu qualificado serviço também o aspeto humano. Contudo, todos os que se dedicam à defesa e à promoção da vida possam mostrar antes de tudo a sua beleza. Com efeito, assim como «a Igreja não cresce por proselitismo, mas "por atração"» (Ex. ap. *Evangelii gaudium*, 14), também a vida humana só se defende e promove eficazmente quando se conhece e se mostra a sua beleza. Vivendo uma genuína compaixão e as outras virtudes, sereis testemunhas privilegiadas da misericórdia do Pai da vida.

A cultura contemporânea ainda conserva as premissas para afirmar que o homem, independentemente das suas condições de vida, é um valor para proteger; contudo, muitas vezes ela é vítima de incertezas morais, que não lhe permitem defender a vida de maneira eficaz. Depois, com frequência, pode acontecer que sob o nome de virtude, se mascarem «vícios maravilhosos». Por isso é necessário não só que as virtudes informem realmente o pensamento e o agir do homem, mas que sejam cultivadas através de um discernimento contínuo e estejam radicadas em Deus, fonte de todas as virtudes. Gostaria de repetir aqui um aspecto que já disse várias vezes: devemos estar atentos às novas colonizações ideológicas que se insinuem no pensamento humano, até cristão, sob forma de virtudes, de modernidade, de atitudes novas, mas são colonizações, ou seja, privam da liberdade, e são ideológicas, isto é, têm medo da realidade tal como Deus a criou. Peçamos a ajuda ao Espírito Santo, para que nos liberte do egoísmo e da ignorância: renovados por Ele, que possamos pensar e agir segundo o coração de Deus e mostrar a quem sofre no corpo e no espírito a sua misericórdia.

Formulo os votos de que os trabalhos destes dias possam ser fecundos e acompanhar a vós e a quantos encontrardes no vosso serviço por um caminho de crescimento virtuoso. Agradeço-vos e peço, por favor, que não vos esqueçais de rezar por mim. Obrigado.